O QUE ELE NÃO DEVE SABER DELA.
DO CONTO “O HOMEM NÃO DEVE SABER DISSO”, DE HANAN AL-SHAYKH

Jemima de Souza Alves*

RESUMO: O presente trabalho apresenta a tradução do conto *Lā yanbaḡī 'an ya'rifa arrajul bihādā*, “O homem não deve saber disso”, da escritora libanesa Hanan Al-Shaykh, feita do árabe ao português brasileiro. Discute brevemente nuances da tradução de uma narrativa caracterizada pelo fluxo de consciência. Figurando entre as escritoras mais importantes do renascimento do romance árabe libanês, Al-Shaykh, nesse conto, através de sua escrita marcada pela sensualidade, permite que sua audiência penetre o universo de uma mulher anônima e participe da experiência que tem com sua própria intimidade.

PALAVRAS-CHAVE: Hanan Al-Shaykh, Literatura Árabe Moderna, Tradução

ABSTRACT: The work in hand presents a translation of the short story *Lā yanbaḡī 'an ya'rifa arrajul bihādā*, “The man shouldn't know about this”, by Hanan Al-Shaykh, made from Arabic into Brazilian Portuguese. We aim to discuss the nuances of translating a narrative characterized by the stream of consciousness. Being reputed among the most important women writers of the Renaissance of the Lebanese Novel, Al-Shaykh in this short story, by the sensuality of her writing, introduces the audience in the Universe of an anonymous woman who experiences her intimacy expressing it through a monologue.

KEYWORDS: Hanan Al-Shaykh, Modern Arabic Literature, Translation

O período que compreende o final da década de 1960 e início dos anos 1970 foi um momento bastante profícuo no que diz respeito à produção literária no Líbano. Com a eminência da guerra civil libanesa, em 1975, os escritores tiveram a oportunidade de explorar as contradições e complexidades da realidade e seus possíveis rumos. Eles trabalharam na criação de um discurso multifacetado cuja linguagem expressaria múltiplos pontos de vistas, conscientes das variações do discurso na sociedade que se tornava cada vez mais dividida. Nesse período, as mulheres escritoras fizeram proeminentes contribuições no que se denomina ressurgimento do romance árabe, no Líbano, que teve seu ápice durante o conflito que se estendeu até os anos 1990.

Dentre as escritoras que marcaram seu tempo e cujas obras delinearam a modernidade árabe encontra-se Hanan Al-Shaykh. Nascida no Líbano, em 1945, tornou-se uma aclamada romancista, contista e teatróloga de literatura árabe contemporânea, escrevendo também alguns trabalhos em língua inglesa. Embora oriunda de uma família muçulmana xiita, viveu em um lar pouco tradicional devido à ausência da mãe em casa, o que lhe garantiu algumas liberdades para o contexto de então.

* Mestre em Letras pelo PPG Estudos Judaicos e Árabes, da USP, e doutoranda no PPG Letras Estrangeiras e Tradução, USP, bolsista CNPq, membro do grupo “*Tarjama*: escola de tradutores de literatura árabe moderna”.

Por causa de suas experiências pessoais começou a escrever artigos para o jornal diário *Annahār*, aos 16 anos, a fim de compartilhar seus sentimentos e emoções. No entanto, com a maturidade da escrita descobriu que não precisava mais experienciar uma situação ou sentimento para que conseguisse reproduzi-los através de seus personagens. Após terminar seus estudos no Cairo, volta a Beirute, mas, com as dificuldades da guerra, passa a viver na Arábia Saudita e posteriormente imigra para Londres, onde reside até o momento.

Entre as obras cuja qualidade tornou-se referência para época, estão *Intihār rajul mayyit*, “O suicídio de um homem morto”, de 1970, e *Faras aššaytān* “Cavalo do Diabo”, de 1975. Não obstante, sua escrita cristalizou-se apenas no início dos anos 1980, durante o pico da guerra civil libanesa, em paralelo ao ressurgimento criativo de escritores libaneses tais como Elias Khoury, Ahmad Al-Zayn e Rashid Al-Da‘if (AL-‘IDA, 2008). Em 1980, Al-Shaykh publica às suas expensas o romance *Hikāyat Zahra*, “A história de Zahra”, através do qual desafiou as convenções e o decoro, e que posteriormente passaria a situar-se entre os trabalhos de ficção mais importantes do Oriente Médio (LARSON, 1991). Em 1994, lançou uma coletânea de contos chamada “*Ukannisu aššams ‘an assuṭūh*”, “Eu varro o sol dos telhados”, do qual faz parte o conto *Lā yanbagī ‘an ya‘rifa arrajul bihādā*, este “O homem não deve saber disso”, que apresentamos em tradução.

Ao explorar a temática da sexualidade, a escritora reflete sua personalidade rebelde disposta a confrontar costumes e tradições. Por escrever com paixão e violência sobre a sexualidade da mulher árabe, ousando a dar voz a uma lésbica, teve a circulação de seus livros proibida em países conservadores do Oriente Médio. Desde então, tornou-se uma presença literária que já não poderia mais ser ignorada (COOKE, 2005).

Essa rebeldia Al-Shaykh acredita advir do fato de não ter vivido de modo tradicional em casa. Quando muito nova, sua mãe abandonou o lar e casou-se com seu amante, e seu pai, decepcionado com a perda, refugiou-se na religião. Embora a falta de controle parental tenha possibilitado sua insubordinação às tradições, a autora acredita que as pessoas carregam a rebelião em sua constituição genética (AL-SHAYKH, 2004).

No que diz respeito às suas produções literárias, observa-se que a habilidade de escrita de Al-Shaykh desnuda um conhecimento velado pela imaginação, sendo ao mesmo tempo esclarecedora, à medida que traz à tona questões do universo feminino, e também sensual e envolvente, quando explora permutações e combinações da feminilidade árabe que, como nota Levi (1998), lembra o Ocidente de que a matemática dos nossos números e a beleza da Alhambra emanam da mesma fonte árabe.

Os contos que são apresentados na mesma obra em que aparece o texto aqui traduzido retratam diferentes mulheres e as diversas facetas de sua realidade: a noiva, a esposa enlouquecida, a viúva. Em uma das histórias, Al-Shaykh nos introduz a esposa de um europeu atraído pelo exotismo do mundo árabe, mas cujo coração permanecia imune a ele, mumificado como um faraó, protegido tanto da vida quanto da morte. Em outro conto, a narrativa desenvolvida é sobre a inevitável imersão de um missionário dinamarquês na vida de um vilarejo deserto. Há também a história na qual o papel de

protagonista é atribuído a um homem anão cuja devoção a um convento deserto é premiada com o posto de guardião das virgens.

A mulher árabe como tópico da literatura de Al-Shaykh é abordada através de marroquinas e iemenitas que praticam rituais mágicos enquanto seus maridos estão fora, em campos de petróleo na Arábia Saudita; mulheres que voam em jatinhos de volta à cultura que rejeitaram por amor ao Ocidente, a cidade que permanece como fora construída há milhares de anos. Há ainda a heroína libanesa neurótica que é pega em uma sessão de ouija depois de um memorial para sua mãe morta.

'Almāza, a protagonista de *Mawsam azzawāj*, "Temporada de casamento", é uma mulher que passa um ano inteiro imergindo suas mãos em óleo e barro, ensopando seus cabelos com água de rosas e loção, na expectativa de que, nos dois dias e meio em que poderá passear entre homens solteiros, ela consiga um marido.

No conto em tela, Hanan Al-Shaykh, através da técnica do fluxo de consciência que nos remete à escrita de Clarice Lispector, desvela-nos a cena de preparação de uma mulher para um encontro cuja natureza não fica evidente para o leitor imediatamente. Por meio de uma linguagem sensualizada, Al-Shaykh atrai sua audiência permitindo-a penetrar o universo de uma mulher anônima e conhecer a experimentação de sua intimidade.

Sobre a tradução

No processo de leitura e destrinchar do texto em língua árabe para a criação de sua versão em língua portuguesa, decidimos sempre que possível mantermo-nos mais próximo do texto de partida, de modo a levar o leitor à experiência proposta pela autora por meio do fluxo de consciência desenvolvido por essa mulher que nos introduz a relação íntima que mantém com seu próprio corpo de maneira envolvente.

Por se tratar de um texto que nos parece ser desenvolvimento de um processo em ato contínuo, algumas sentenças são construídas com verbos que se encadeiam tornando os períodos um tanto longos quando transpostos ao português. Sendo assim, quando diante deste fenômeno, optamos por reorganizá-los em novos períodos, para que não fossem comprometidas tanto a estética quanto a inteligibilidade do texto no idioma de chegada:

أدور حول نفسي، أحاول أن أجمع نفسي الطائرة في أنحاء الغرفة، التأنية بين تجارب الماضي ودمغتها عليّ وخوفي منها، وبين التفكير في أن أقلع عن عادة استعدادي هذه والخوف من هذا الحب وكأني أعمى ينزل سلال من غير عصا، لكن كان عليّ أن أكبح رغبتني به، إذ لحظة كنت أراه أمامي يستقبلني وأسمع صوته ونجلس نتحدث وأرى كلماته وهي تنبعث في حلقه من بين أسنانه، من بين شفته، وأعرف أن رقبته دافئة كنت أرتعش ولا أطلب سوى أن يعانقني وأن يدخلني.

Giro em torno de mim mesma, tento recompor minha alma que voava pelos cantos do quarto, perdida entre as experiências passadas, suas marcas sobre mim e o meu medo delas, e entre o pensamento em deixar este hábito de me preparar e o medo deste amor, como se eu fosse um cego que desce uma escada sem bengala. Mas eu tinha que controlar o meu desejo por ele. Por um momento, via-o diante de mim recebendo-me, ouvia a sua voz, sentávamos e conversávamos e eu via suas palavras emanando de sua garganta, passando pelos dentes e por entre seus lábios. Sabia que seu pescoço é quente, e isso me estremecia, pedia somente que me abraçasse e que me penetrasse.

Como se pode observar no texto em árabe, o trecho supracitado é construído num único período. Porém, quando o transpomos ao português, a longa cadeia de verbos em um mesmo período tornava a leitura bastante onerosa não tendo o mesmo efeito criado na língua de partida, por isso o seccionamos em três períodos menores.

Ainda nesse mesmo trecho, a personagem faz uma transição abrupta e já não se tem certeza se a experiência que descreve se dá com “ele” corpo, “ele” outro indivíduo, ou com os dois ao mesmo tempo. Essa transição é realizada através do uso do sufixo pronominal¹ na terceira pessoa do singular masculina inserido no verbo de primeira pessoa do singular, em substantivos que são objeto direto do verbo em primeira pessoa e do sujeito oculto do verbo conjugado também na terceira pessoa do singular masculino, o que gera ambiguidade:

a) Sufixo pronominal acusativo

كنت أراه

kuntu 'arā-hu

1ªp.sing.estar 1ªp.sing.ver-s.p.3ªp.s.masc.

Eu o via.

b) Sufixo pronominal genitivo

أسمع صوته

'asma 'u şawta-hu

1ªp.sing.ouvir voz- s.p.3ªp.s.masc.

Eu ouvia sua voz.

c) Verbo

يستقبلني

yastaqbilu-nī

3ªp.s.receber-s.p.1ªp.s.

Ele me recebia.

¹ Os sufixos pronominais em língua árabe são partículas utilizadas nos casos oblíquos, acusativo e genitivo. Quando justapostos ao verbo, caso acusativo, e quando anexados a um nome ou preposição, caso genitivo.

Esse efeito só pode ser reconstruído na língua de chegada, pois, assim como o árabe, a língua portuguesa, mesmo em contextos mais restritos, também permite que o sujeito seja omitido na oração. Um outro fator que também contribui para a reconstrução desse trecho é o fato de que o substantivo corpo, tanto em árabe quanto em português, é masculino e não há em ambas as línguas um pronome específico que se refira a elementos de gênero neutro, como é o caso da língua inglesa com o pronome 'it'.

Interessantemente, na tradução da obra para o inglês, *I Sweep the Sun off Rooftops* (1998), esse conto não é apresentado. Talvez a exclusão desse conto da tradução inglesa se deva ao fato de que, para além de haver na língua o pronome neutro, o inglês é um idioma que gramaticalmente não permite a omissão do sujeito do verbo na oração, o que comprometeria completamente a transferência desse efeito de transição abrupta e ambiguidade da língua de partida para a língua de chegada, desmantelando assim a estrutura narrativa do texto.

Essa transição abrupta que se repete ao longo do texto e que provocaria ambiguidade é uma característica recorrente na narrativa de fluxo de consciência e que traz uma complexidade na compreensão até mesmo do texto de partida, o que exige uma leitura mais atenta. A transferência dessa característica para o texto de chegada se configura uma dificuldade tradutória, haja vista que é possível em vez da ambiguidade criar-se uma ininteligibilidade em textos como esses.

Para além da utilização desse recurso narrativo que atribui uma certa complexidade ao texto, é necessário pontuar que é característica da escrita da própria autora uma falta de clareza e explicitação na descrição das cenas no desdobrar da narrativa, o que se estabelece como obstáculo na compreensão do texto de partida. Sobre isso, a própria Al-Shaykh comenta que ambos, tradutor e editor, sempre lhe pedem licença para maiores explicações no texto. A autora posiciona-se contrariamente argumentando que confia na capacidade intelectual de seu leitor para entender o que ela pretende quando escreve um texto (SCHLOTE, 2003).

A partir da leitura, reflexão e tradução de "O homem não deve saber disso", percebemos que a decisão do tradutor em se manter fiel ao texto de partida é sempre arriscada, considerando as diferentes concepções de estética que cada língua possui. Na tradução desse preciso conto, cuja narrativa é construída por meio do fluxo de consciência e cuja estrutura visa a criar ambiguidades, é possível que a língua de chegada não apresente os recursos exigidos para a criação do efeito presente no texto original.

Esse impasse impulsiona o tradutor a repensar a possibilidade de tradução ou arriscar a tentativa de criação de um novo efeito na língua de chegada, se aquele inicial não for essencial para a construção do discurso presente no texto. Uma outra consideração importante a se pontuar é que, muito embora nem sempre seja possível, a familiaridade do tradutor com o estilo do autor e com o escopo da obra torna o fazer tradutório um processo mais direcionado, norteando as decisões a serem tomadas pelo tradutor.

O homem não deve saber disso

Não precisava olhar o relógio no meu pulso, pois quando o meu coração acelerava suas batidas eu sabia que o momento havia chegado e que deveria me preparar, então entraria no banheiro e sussurraria para o espelho uma palavra ou frase.

Sempre que a água morna caía sobre mim, eu me entregava a ela e sentia um relaxamento delicioso. Não interrompia a corrente da torneira até começar a pensar no pote de creme rosa ou no seu cheiro penetrando meus poros, então corria para secar meu corpo. Os poucos pelos que apareciam nas coxas ou nos pés me detinham, pareciam graminhas do pântano. Pensava se devia arrancá-los com pinça, mas desisti dessa ideia, pois eram quase imperceptíveis. Passava creme no meu corpo, massageando-o cuidadosamente. Levando o creme a todas as partes, eu sentia que todos os meus membros estavam vivos, expressando suas sensações e este seu estado metamórfico, que se move entre o amor e sua manifestação numa atmosfera secreta. Giro em torno de mim mesma, tento recompor minha alma que voava pelos cantos do quarto, perdida entre as experiências passadas, suas marcas sobre mim e o meu medo delas; entre o pensamento em deixar este hábito de me preparar e o medo deste amor, como se eu fosse um cego que desce uma escada sem bengala. Mas eu tinha que controlar o meu desejo por ele. Por um momento, via-o diante de mim recebendo-me, ouvia a sua voz, sentávamos e conversávamos e eu via suas palavras emanando de sua garganta, passando pelos dentes e por entre seus lábios. Sabia que seu pescoço é quente, e isso me estremecia, pedia somente que me abraçasse e que me penetrasse. Mas eu me sento ignorando o que acontece comigo, tento concentrar meus ouvidos no que ele dizia. Contudo, as palavras adentram minhas orelhas e chegam à minha mente que as ordena que caiam até meu lábio, até meu pescoço, até meu peito, até minha barriga, até as minhas costas, no mais baixo das minhas costas... então fico paralisada.

Assim, toda vez em que o encontro, eu me perco entre a expectativa, a pressa e a demora. Sento-me e sou toda desejo. Arremessada por este sentimento que me domina, hesitante entre recuar e prosseguir. Sento-me como se fosse um pássaro a tremer sobre o arame farpado. Temendo mover-se, pronto para voar, é então perfurado pelo fio. Tento não resistir ao meu desejo por ele, sigo convicta de que nosso contato é extensão da declaração, ou melhor, é a própria declaração. Mas recuo, e eu adivinho seu modo de se sentar, o modo como aninha minha mão entre as suas, e seu calor, o cinto de sua calça, até suas meias, como leva o copo aos lábios, feliz e satisfeito por compartilhar histórias, sentimentos e novidades...

Quando nos agarrávamos, como se fôssemos uma única folha dobrada uma só vez, com meus lábios tocava seu pescoço, parecia que a pulsação de seu pescoço se agarrava aos meus lábios, depois seguia descendo pela garganta ao abdômen, até a minha essência toda ela... Então começo a tremer desejando que me possuísse inteiramente por um momento, como se eu fosse um pedaço de carvão desejando juntar-se às faíscas temendo os pingos d'água que estão rastejando até ele. Então ele me olha

maravilhado com o que acontece comigo vendo meus dentes, que tanto elogiava sua simetria, se apertando, preferindo moer uns aos outros a deixar escapar palavras do meu impetuoso desejo por ele.

Coloco um disco como última etapa da minha preparação, espero até que a música comece a surtir efeito. Então me jogo sobre a cama, aproximo meu pulso do meu nariz e o cheiro, alguns momentos se passam antes de ele estar ao meu lado, sussurro-lhe uma palavra e continuo nossa conversa com o toque, e não paro até que solte um grito leve e estremeça. Concedo ao meu corpo alguns momentos tranquilos antes de olhar para o relógio. Levanto-me, pensando que falta meia hora para meu encontro com ele. Deveria pegar o metrô ou um táxi?

لا ينبغي أن يعرف الرجل بهذا

لم أكن أحتاج لأنظر إلى ساعة يدي، فعندما يسرع قلبي في ضرباته أعرف أن الوقت حان وأن علي الاستعداد، فأدخل الحمام وأهمس للمرأة بكلمة أو بجملة.

كلما هبطت المياه الدافئة علي استسلمت لها وشعرت بارتخاء لذيذ. لم أكن أوقف سيل الحنفية إلا عندما يمر في خيالي خنجور الكريم الزهري أو تنفذ رائحته إلى مسامي فأسارع إلى تجفيف جسمي. تستوقفني شعيرات قليلة عند فخذي أو قدمي وكأنها بعض أعشاب في مستنقع. وأفكر إذا كان علي أن أنتزعها بالملقط، لكنني أعدل عن رأيي فهي تكاد لا ترى. أضع الكريم على جسمي وأمسحه بتأن، وأنا أصل إلى كل جزء به، شاعرة بأن كل أعضائي حيّة تعبر عن أحاسيسها وحالتها هذه التي إذا تنوّعت فهي لتنتقل بين الحب والتعبير عنه بجو الخلوة. أدور حول نفسي، أحاول أن أجمع نفسي الطائفة في أنحاء الغرفة، التأهبة بين تجارب الماضي ودمغتها علي وخوفي منها، وبين التفكير في أن أقنع عن عادة استعدادي هذه والخوف من هذا الحب وكأنني أعمى ينزل سلال من غير عصا، لكن كان علي أن أكبح رغبتني به، إذ لحظة كنت أراه أمامي يستقبلني وأسمع صوته ونجلس نتحدث وأرى كلماته وهي تنبعث في حلقة من بين أسنانه، من بين شفته، وأعرف أن رقبته دافئة كنت أرتعش ولا أطلب سوى أن يعانقني وأن يدخلني. لكنني أجلس متجاهلة ما يحدث لي، محاولة أن أستمّر أذني على ما كان يقوله، غير أن الكلمات تدخل أذني ومنها إلى عقلي الذي يأمرها بأن تهبط حتى شفتي، حتى رقبتي، حتى صدري، حتى بطني، حتى ظهري، أسفل ظهري. وأصبح مشلولاً.

هكذا كل مرة ألقاها فيها، أضيع بين الترقب والإسراع والتمهل، أجلس وكلّي رغبة لأن اندفع وراء هذا الشعور الذي يتسلط علي، مترددة بين التراجع والمضي. أجلس وكأنني عصفور يرتعد فوق سلك شائك، يخاف أن يتحرك مستعداً للطيران فيخزّه السلك. أحاول ألا أقوم رغبتني فيه، وأمضي وكلّي إيمان بأن ملاستنا هي تكلمة للكلام بل هي الكلام. لكنني أترجع وأنا أحزر من طريقة جلسته، من أخذه لكفي بين يديه، من حرارة كفه، ومن حزام بنطلونه، بل من جواربه، من تقريبه للكأس بين شفته بأنه سعيد مكتفياً بتبادل القصص والشعور والأخبار.

عندما كنا نلتحم معاً وكأننا ورقة واحدة طويت طيّة واحدة، وألمس بشفتي رقبته كان يعلق نبض رقبته بين شفتي ثم يهبط في حلقي إلى جوفي، إلى كيانني كله. فابتدئ بالارتعاش متمنية لو يحتويه كلي لحظة واحدة وكأنني فحم يود أن يلتقط شرارة خوفاً من نقاط ماء زاحفة إليه. فينظر إلي مستغرباً ما يحدث لي وهو يرى أسناني التي طالما أطرى تناسقها، تشد فوق بعضها مفضلة أن تطحن بعضها على أن تفلت من بينها كلمات رغبتني فيه واستعجالي.

أدير اسطوانة، كمرحلة أخيرة من استعدادي، أنتظر ريثما يبدأ مفعول الموسيقى. ثم أتهالك على السرير، أقرب زندي من أنفي أسمه، لحظات وإذا هو بقربني، أهمس له بكلمة وأكمل حديثنا باللامسة، ولا أتوقف إلا عندما أصرخ صرخة خفيفة وأنا أرتعش، أمنح جسمي لحظات هادئة قبل أن أنظر إلى ساعتني وأنهض وأنا أفكر في أن ما تبقى للقائي به هو نصف ساعة، فهل علي أن أخذ المترو أم التاكسي؟

Referências bibliográficas

- AL-SHAYKH, H. *ʿUkannisu aššams ʿan assutūh*. Beirut: Dār Alʿādāb, 1994.
- _____. *I Sweep the Sun off Rooftops*. New York: Anchor Books, 1998.
- _____. Šāraḥtu ʿabī biʿannanī ʿaḍīʿu alḥijāba fī ḥaqībatī lā ʿalā raʿsī. Širtu maqbūlatan liʿanna assiyāsata taḡayyarat. Aljumʿa 18 dū alqaʿda 1425 H. 31 dec 2004, n. 9530, *Faḍāʾāt jarīdat aššarq alʿawsat*, Beirute, Sawsan Alʿabtaḥ.
- LARSON, C.R. The Fiction of Hanan Al-Shaykh, Reluctant Feminist. *World Literature Today*. Vol. 65, No. 1 (Winter, 1991), pp. 14-17. Published by: Board of Regents of the University of Oklahoma. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40146112>>
- LEVI, J. Eyes of the West on Arab Women. *Los Angeles Times*: Aug. 31, 1998. Disponível em: <<http://articles.latimes.com/1998/aug/31/news/ls-18096>>. Acesso em: 12 de maio de 2018.
- SCHLOTE, C. An interview with Hanan al-Shaykh. *Literary London: Interdisciplinary Studies in the Representation of London*, v. 1, n. 2, Sept. 2003. Disponível em: <<http://www.literarylondon.org/london-journal/september2003/schlote.html>>. Acesso em: 24 maio 2017.

Recebido em: 12/11/2019

Aceito em: 13/11/2019

Referência eletrônica: ALVES, Jemima de Souza. O que ele não deve saber dela. Do conto “O homem não deve saber disso”, de Hanan Al-Shaykh. *Criação & Crítica*, p., ago. 2020. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa